

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

FOLK-LORE PORTUGUEZ

—*—

Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas
por

A. THOMAZ PIRES

(Continuado de pag. 40 vol X)

203

O Senhor da Piedade
E' um Senhor pequenino,
Heide-me casar este anno,
Heide-o levar por padrinho.

204

Tuas faces revertem sangue,
Os teus labios cõr de rosa,
Cara mais linda que a tua
Por certo ninguem a gosa.

205

O chapu do meu amor
Foi á tinta, ficou preto,
Faltaste ao prometido,
Abandonaste o preceito.

206

Inda que o vento *aventeje*,
No ar se faça em pedaços,
Eu heide casar contigo
Em que haja mil embaraços.

207

A tua cara de neve
Foi feita de pedraria,
Os teus olhos são candeias
Que accendem a luz do dia.

208

Ingratidões do meu bem
Eu de muitas tenho immensas,
Mas como lhe quero bem
Fecho os olhos ás offensas.

209

Heide-me vestir de roxo

Comprar da tinta más 'scura,
A ausencia do meu amor,
Não quer gala, quer ternura.

210

Os meus olhos não são olhos,
São lancetas cõr de canna,
A pesar de serem feios
São leaes a quem os ama.

211

O' Senhor juiz de fora,
Faça a justiça brincando,
Prenda-me aquelles dois olhos
Que me 'stão desafiando.

212

Puz as mãos nas sacras horas,
Tu juraste e eu jurei,
Cuida tu em ser constante,
Que eu á fê não faltarei.

213

Co'as lagrimas dos meus olhos
Faço a barrela à roupa,
Muito me custa, meu bem,
'Stares n'uma terra e eu n'outra.

214

Algum dia, por te ver,
Mandava a *turbar* a lua,
Agora, se poder ser,
Nem passar-te pela rua.

215

Eu não sou como o meu bem
Nem meu bem é como a mim,
O meu bem tem outro bem,
Mas eu cá não sou assim.

216

Quatro centos graus d'altura
Subiu o sol e parou,
Essa tua formosura
O mesmo sol abismou.

217

Quando o sol sobe á varanda
A visitar as *felores*,
Demora horas esquecidas

Ao pè d'um vaso d'amores.

218

Os olhos do meu amor
São lancetas de bom ferro,
De tal sorte me feriram
Que outro amor não no quero.

219

Qual será o dito dia,
Para nós tão desejado,
Que me veja nos teus braços
Com laços de amor fechado.

220

Tenho-te ouvido gabar
Sei que és grande pimpão,
Dize-me lá por cantigas
Quantos filhos teve Adão.

221

Dos filhos que teve Adão
Eu não o sei, nem fui ver,
Uns são vivos outros mortos,
Outros 'stão para nascer.

222

Os filhos que teve adão
Trago-os eu no meu chapeu,
Dize-me lá por cantigas
Quantas almas ha no ceu.

223

Depois que o mundo è mundo
Quanta gente tem morrido,
Nem no mundo fazem falta
Nem o ceo se tem enchido.

224

Menina que estaes deitada
Viradinha p'r'á parede,
Volta-te cá para mim,
Raminho de salsa verde.

225

Não colhas o cacho verde
A' parreira essencial;
Ninguem descubra o seu peito
A quem lhe não fôr leal.

226

O' rapaz do gorro preto
Volta-o de dentro para fora;
Inda estou do mesmo lado
Inda me não volto agora.

227

Inda sou quem era d'antes,
Inda sigo os mesmos passos,

Quando chego á tua'rua
As pedras para mim das laços.

228

Amor fazemos as pazes,
Cvmo foi da outra vez,
Um amor tambem perdoa
Uma, duas, até tres.

229

O' adro terra d'egreja,
Onde se enterram os mortos,
N'aquella relvinha verde
Se consomem lindos corpos.

230

O amar è contrabando,
Quero ser contrabandista,
Que voltas darei ao mundo
Para estar á tua vista.

231

Eu venho de Roque Vaz
Caminho a Penamacor,
Rapariga, o teu rapaz
Parece um lavrador.

232

O meu amor foi á ceifa,
Heide-lhe guardar firmeza,
Hade-me trazer um lenço
Para pôr á camponeza.

233

O *Hilaro* canta por arte,
O seu saber è bastante,
Visavis, alávancate,
Quem manda è seu par marcante.

234

O *Hilaro* canta por arte,
Onde chega bate o pé,
Visavis, alávancate,
E o seu *passé balancé.*

235

Eu gosto muito do v'rão
Para ir passear ao campo,
Viva lá o sr. *Hilaro*
Que anda vestido de branco.

236

Vae-te dia, vem cá noite,
Mais dia não queiras ser,
Quem eu desejo a meu lado
De dia não posso ver.

237

O' valverde, ó valverde
O' valverde, ladrão,

Que roubastes a menina
N'esta mesma occasião.

238

O' que calma está cahindo
Para quem anda no campo,
Meu amor que por lá andas
Encosta-te ao lyrio branco.

239

Fostes á fonte descalça
Para te verem os pés,
Em manguinhas de camiza
Com os dedos cheios d'aneis.

240

O' minha pombinha branca
O' azas de primavera,
Quem me dera já saber
O teu intento qual era.

241

Esses teus olhos, menina,
São duas luzes de gaz,
Amar-te, lá isso sim,
Deixar-te não sou capaz

242

Onze horas, meia noute,
Já tudo por aqui dorme,
Sò eu quero descansar,
E meu coração não pode.

243

As estrellas do ceu correm,
Correm que desaparecem,
Tambem os meus olhos correm
Atraz de quem os merece.

244

Vá de ginguêro ó gingo,
Vá de ginguêra ò não,
Quem quizer dançar o gingo
Vá de roda de S. João.

245

O' lyria, bondosa, ó lyria,
Repara no que fizeste,
Levastes a minha amada
P'rá sombra do acipreste.

246

Vou dar cabo do canastro,
'Stou farto soffrer ingratas,
Mas não discorro ó punhal,
Salta um bife com batatas.

247

Minha mãe é camponeza,

Eu como camponez sou,
E' como a chita franceza
Da primeira que se usou.

248

Adeus, quinta da Araúja,
Que estás ao pé das Hortinhas,
Tens lá uns patos reaes
Que mais parecem gallinhas.

249

Na horta dos Aguilares
A nova está entaipada,
Porque se afogou lá dentro
Uma pobre namorada.

250

A' salsa da minha horta
Heide-lhe cortar os bicos,
Assim eu picasse os olhos
A quem de mim faz mexericos.

251

Boa terra é Lisboa,
Dá de comer a quem passa;
A quem não levá dinheiro
Nem agua lhe dá de graça.

252

Eu sou mesmo um descuidado
Não tenho chapeu, nem manta,
Deixei o fato empenhado
Na terra de Villa Franca.

253

Minha bella rapariga,
Já por lá eu não dou voltas,
Já cortaram a rozeira
Que o meu amor tinha á porta.

254

A' sua porta, menina,
'Stá um lenço d'algodão,
Todos passam, não se prendem,
Só eu fico na prisão.

255

A rua dos Cavalleiros
E' bonita, mette graça,
Ao fundo tem uma fonte,
Dá de beber a quem passa.

256

A borda do meu chapeu
E' de linhas de marcar;
Eu morrendo vou pr'ó ceo,
Que já lá tenho o logar.

257

Se me queres amar, ama,

Não me ande com carranquinhas
Que tenho amado a mais flôres
Que o campo tem de rosinhas,
258

O' meu amor, meu amor,
O' meu amor, nada, nada,
Anda agora muito em moda
A tal chitinha encarnada.
259

Já meu amor me deixou,
D'elle não tenho paixão,
Puz outro no seu logar
Na noite de S. João.
260

Estas são as saias novas
Que chegaram á cidade,
São dançadas e bailadas
No Senhor da Piedade.
261

Aldeia de Santa Eulalia
Terra onde eu me criei,
Mais abaixo mais acima
Sempre nella viverei.
262

Bello monte de Revêlhos
'Stá caído até luzir,
Os olhos do meu amor
E' que me fazem lá ir.
263

Minha palavra está dada
Para te amar com primor,
Minha mão 'stá preparada
Para dar ao meu amor.
264

Sou ferreiro, bato ferro,
Lá para os lados do rio,
Conselhos a moços varios
E' bater em ferro frio.
265

Vejo-te tanto moroso,
Tão repêso no falar,
Só tu ó meu lindo cravo,
Me poderás captivar.
266

Janella de quatro quinas
Merece a ter quatro vellas,
Meu coração adivinha
Que me não amas deveras.
267

Janellas sobre janellas
Postigos rentes do chão,
Carinhos quantos quizeres
Casar contigo è que não.
268

Se tu foras não seria
A minh'alma maltratada,
Sem a tua companhia
Passo vida amargurada.
269

Entre pedras e pedrinhas
Nasce um raminho de flores,
Ai de mim que eu ando amando
A quem tem outros amores.
270

O meu amor é pequeno,
De pequeno não o acho,
Deu-lhe uma pulga um coice,
Cahiú da cama p'ra baixo.
271

Quando olhares para mim
Olha c'os olhos quietos,
Nòs podemos ser amantes
E andarmos encobertos.
272

Anda amor vem a *bailhar*,
Anda vem-te *adevertir*,
Que te quero procurar
O caminho que hei de seguir.
273

Não ha palma como a palma,
Nem terra como a d'areia,
Nem monte como Font'Alva,
Nem moças como as da aldeia.
274

A flor da malva è roxa
De noite mette terror
Se me tens sido fiel
Inda me has de crer, amor.
275

Eu tenho o canto por vida,
Tenho o canto por cegueira,
Tenho uma estrada seguida
De Souzel a Fronteira.
276

Amor não te vás embora
Sem me dar's a drêta mão
Já chegou a dita hora
D'entrar's no meu coreção.